

Civilização

Clima de euforia não combina com desastres naturais, corrupção dos governos, poluição urbana e desmatamento

José Eli da Veiga

Valor, 25/02/2022

É impossível encontrar mais otimismo sobre o processo civilizador do que nos três calhamaços que o psicólogo cognitivo Steve Pinker publicou dos últimos dez anos. Prometeano, Pinker acha irracional qualquer preocupação com riscos existenciais, desqualificando, liminarmente, quem leve a sério os temores expostos, por exemplo, pelo físico Martin Rees ou pelo filósofo Nick Bostrom.

Muitos atribuem tal panglossianismo de Pinker a sua orientação liberal-conservadora. Porém, um dos principais expoentes desta corrente do liberalismo, o historiador Niall Ferguson, não poderia ter sido mais cético, em suas quatro obras do mesmo período. Ele descreve, de forma persuasiva, como estaria se dando “a grande degeneração” do Ocidente. Repetindo, ad nauseam, a previsão de abrupto colapso por conta da reinante “pusilanimidade”. Pior, segundo Ferguson, do que riscos de guerra nuclear, graves pandemias ou degelo das calotas polares.

Então, a tendência de Pinker parece melhor explicada pela exorbitante primazia dada à dimensão psicológica da aventura humana. Só enxerga crescente emprego da razão, da inteligência e da engenhosidade, combinadas a também gradativos altruísmo e empatia.

Clima de euforia não combina com desastres naturais, corrupção dos governos, poluição urbana e desmatamento

Tudo muito bonito, mas, na contramão do amplo avanço investigativo dos historiadores contemporâneos, ao rechaçarem algo bem comum no passado: a propensão à linearidade teleológica, denominada “historicismo filosófico”. Hoje, abominam a ideia de que os eventos estejam destinados a se desdobrar em determinada trajetória. Na realidade, muitas forças operam ao mesmo tempo, gerando concomitância de progresso, regressão e estase.

É este o recado de dezessete professores de história, das melhores universidades do mundo, na recém-lançada coletânea *Darker Angels of Our Nature - Refuting the Pinker Theory of History and Violence* (Bloomsbury, 2022). Seus organizadores - Philip Dwyer e Mark S. Micale - declaram que a euforia de Pinker é incompatível com o tumulto do mundo, destacando as desigualdades na saúde, desastres naturais decorrentes da mudança climática, corrupção governamental, poluição urbana mortal e desmatamento acelerado.

Felizmente, também há quem seja quase tão otimista quanto Pinker, mas sem negar a importância dos riscos existenciais. Bom exemplo é o do prolífico futurólogo Jeremy Rifkin. Chega a prever a derrocada da “civilização dos combustíveis fósseis”, por volta de 2028,

inaugurando calamitoso período, que duraria somente um decênio. Atingindo, indistintamente, os três grandes blocos geopolíticos liderados por Estados Unidos, União Europeia e China.

Sem fazer comparáveis prognósticos, o historiador Yuval Noah Harari também ressalta que os três grandes desafios deste século - mudança climática, inteligência artificial e biotecnologias - serão, inevitavelmente, globais. Pois “só existe uma civilização no mundo”, diz a sexta de suas 21 lições para o século XXI. As poucas remanescentes têm se mesclado numa única civilização global.

Não difere muito o pensamento do centenário Edgar Morin ou as ideias de outros polímatas, como Vaclav Smil e Jared Diamond. Este último aponta quatro graves adversidades civilizacionais, em ordem decrescente de importância: explosões de armas nucleares, mudança climática, depleção de recursos naturais e desigualdades dos padrões de vida. Mas admite que outros acrescentariam mais quatro: fundamentalismo islâmico, emergentes doenças infecciosas, colisão de asteroide e extinções biológicas em massa.

Quem mais diverge da proposição sobre uma única civilização global são os notáveis historiadores da ciência Naomi Oreskes (Harvard) e Erik M. Conway (Caltech). Em ensaio publicado pela Columbia University Press, em 2014, a dupla “psicografa” o relato de um futuro historiador sobre a ruína da “civilização ocidental”. Mais precisamente, sobre o “Período da Penumbra” (1988-2073), que haverá de levar ao “Grande Colapso” climático (2073-2093).

O imaginário historiador começa por enfatizar inédita particularidade na derrocada do grupo de nações que se entendeu como Civilização Ocidental. Ao contrário dos termos de sociedades anteriores - como a bizantina e a romana, a maia e a inca - no século XXI, as gravíssimas consequências de seus comportamentos eram previsíveis. E foram previstas.

Houve, porém, notável exceção. A China, onde um poderoso governo centralizado agiu com muita firmeza, desde que a elevação do nível dos mares começou a ameaçar suas áreas costeiras. Rapidamente, construiu cidades, vilas e vilarejos em áreas seguras, reassentando mais de 250 milhões de pessoas. A operação foi difícil, mas com taxa de sobrevivência superior a 80%.

Não poderia ser pior o cerne deste recado do par Oreskes-Conway. Ao menos para os que têm a democracia como valor universal e, conseqüentemente, execram qualquer indulgência com totalitarismo. Como é o eufemístico discurso sobre “ambientalismo autoritário” ou “autoritarismo verde”, que estaria abrindo caminho à “civilização ecológica”. Intrigante tema para outra coluna.

**José Eli da Veiga, professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP:
www.zeeli.pro.br**